

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO  
CENTRO DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
CURSO DE HISTÓRIA

**SIDSON GUSTAVO PINHEIRO LIMA**

**AS REPRESENTAÇÕES MUDIÁTICAS DO GOVERNADOR JOSÉ SARNEY NA  
IMPrensa MARANHENSE (1965 – 1970)**

**São Luís  
2024**

**SIDSON GUSTAVO PINHEIRO LIMA**

**AS REPRESENTAÇÕES MUDIÁTICAS DO GOVERNADOR JOSÉ SARNEY NA  
IMPrensa MARANHENSE (1965 – 1970)**

Monografia apresentada ao Curso de História  
da Universidade Estadual do Maranhão para  
obtenção do grau de Licenciatura em História.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elizabeth Sousa  
Abrantes

**São Luís  
2024**

Lima, Sidson Gustavo Pinheiro.

As representações midiáticas do governador José Sarney na imprensa maranhense (1965 – 1970). / Sidson Gustavo Pinheiro Lima. – São Luís, 2024.

54 f.; il.

Monografia (Graduação) – Curso de História. Universidade Estadual do Maranhão, 2024.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Elizabeth Sousa Abrantes.

1. José Sarney. 2. Representações. 3. Mídia. 4. Maranhão.  
I. Título.

CDU 316.774:328.131(812.1)

**Elaborada por Rosiene Santos - CRB 13/837**

**AS REPRESENTAÇÕES MUDIÁTICAS DO GOVERNADOR JOSÉ SARNEY  
NO ESTADO DO MARANHÃO (1966-1970)**

**SIDSON GUSTAVO PINHEIRO LIMA**

Monografia apresentada ao Curso de  
História da Universidade Estadual do  
Maranhão para obtenção do grau de  
licenciatura em História.

**Aprovada em: 05/04/2024**

---

Profa. Dr<sup>a</sup>. Elizabeth Sousa Abrantes (UEMA)  
Orientadora

---

Profa. Dr<sup>a</sup>. Carolina Christiane de Souza Martins (UEMA)  
Examinadora

---

Profa. Dr<sup>a</sup>. Natasha Nickolly Alhadeff Sampaio Mateus (Faculdade Laboro)  
Examinadora

Ao Deus todo poderoso e a toda a minha família,  
especialmente os dois amores que já se encontram  
no céu, na morada eterna.

Obrigado e amo vocês, Vovô e Vovó.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço inicialmente a Deus, por ter me concedido força e determinação para que eu chegasse ao local atual, pelo potencial de realização de mais uma conquista em minha vida.

A todos os meus familiares, em especial aos meus pais (Sidson e Lusenira), que de modo geral sempre me acompanharam e dedicaram as suas vidas para que eu tivesse um ambiente favorável, sempre me aconselhando aos caminhos legais e corretos da vida. Reiterar a participação de algumas tias, ao meu primo/irmão (Dedel) e as minhas primas (Julia e Jullyanna), que estiveram presentes em toda a minha caminhada de vida e influenciando em minhas decisões.

Agradeço também ao meu grupo de amigos (Giovanna Mendes, Giovana Silva, Leandro, Welliton e Sarah Noemi) que nos conhecemos e fortificamos os laços na própria universidade e que foram de uma inigualável importância, a nossa união e amizade tornou a longa jornada acadêmica um percurso de ensino leve, descontraído e feliz, por muitas vezes tornando a academia um ambiente agradável.

E de forma especial, gostaria de destacar e agradecer imensamente a minha orientadora Professora Doutora Elizabeth Abrantes, pela imensurável paciência, orientação, conselhos e acima de tudo, pela belíssima profissional e companheira, um tipo de pessoa que é essencial no mundo em que vivemos.

## RESUMO

Esta pesquisa analisa as representações midiáticas do governador José Sarney no período de transição política ocorrido no Estado do Maranhão, em que consiste no fim da Oligarquia de Vitorino Freire e a ascensão da figura de José Sarney como o mais novo governador do Maranhão e sua continuidade como sujeito político. A época é analisada por meio das reproduções midiáticas nos jornais impressos da época, em específico o *Jornal de Bolso*, *Jornal do Dia*, *O Imparcial* e *Jornal Pequeno*, onde funcionaram como situação a José Sarney e possuem uma parcela no sucesso midiático do governador com a população maranhense. Os jornais inicialmente trabalham com o intuito de manchar a imagem do oligarca Vitorino Freire e a exaltação da figura de José Sarney, por meio de imagens minimalistas e charges com o tom humorístico, mas sempre com as críticas elaboradas e de fácil entendimento para a sociedade. A disputa nas mídias jornalísticas através das reproduções de imagens inicialmente não possuía grande peso, por estarem todas a favor de Sarney e sua nova política com o *slogan* Maranhão Novo. Entretanto, em decorrência dos atos políticos no Estado e a fragmentação de algumas relações interpessoais, principalmente com o proprietário do *Jornal Pequeno*, Ribamar Bogéa, o periódico se torna o principal impresso de oposição ao governador e seu grupo político no Estado, estampando através de colunas exclusivas imagens elaboradas e charges com denúncias contra José Sarney, acusações e cedendo espaço para que os seus opositores políticos pudessem expressar as informações de descasos, desvios e retratar uma imagem contrária a dos jornais situacionistas que apoiavam o governador José Sarney.

**Palavras-chave:** José Sarney. Representações. Mídia. Maranhão.

## ABSTRACT

This research analyzes the media representations of governor José Sarney in the period of political transition that occurred in the State of Maranhão, which consists of the end of the Oligarchy of Vitorino Freire and the rise of the figure of José Sarney as the newest governor of Maranhão and his continuity as political subject. The time is analyzed through media reproductions in the printed newspapers of the time, specifically *Jornal de Bolso*, *Jornal do Dia*, *O Imparcial* and *Jornal Pequeno*, where José Sarney worked as a situation and had a share in the governor's media success with the Maranhão population. The newspapers initially worked with the intention of tarnishing the image of the oligarch Vitorino Freire and the exaltation of the figure of José Sarney, through minimalist images and cartoons with a humorous tone, but always with elaborate criticisms that were easy for society to understand. . The dispute in the journalistic media through image reproductions initially did not have much weight, as they were all in favor of Sarney and his new policy with the slogan Maranhão Novo. However, as a result of political acts in the State and the fragmentation of some interpersonal relationships, mainly with the owner of *Jornal Pequeno*, Ribamar Bogéa, the periodical became the main opposition to the governor and his political group in the State, publishing through columns exclusive elaborate images and cartoons with denunciations against José Sarney, accusations and giving space so that his political opponents could express information about negligence, deviations and portray an image contrary to that of the situationist newspapers that supported governor José Sarney.

**Keywords:** José Sarney, Reproductions, situation, opposition.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1 – Jornal O Globo que atribui a figura de José Sarney à chegada do Regime Militar ao Estado do Maranhão.....	18
Imagem 2 – Charge do foguete que representa Vitorino Freire e seus apoiadores.....	20
Imagem 3 – Propaganda de José Sarney nas eleições de 1965.....	23
Imagem 4 – Propaganda de José Sarney nas eleições de 1965.....	24
Imagem 5 – Cartaz da campanha política de José Sarney como candidato para o governado do Maranhão.....	27
Imagem 6 – Trecho do relatório da Associação Comercial do Maranhão.....	28
Imagem 7 – Manchete divulgando o Maranhão como o Estado menos industrializado do país.....	30
Imagem 8 – Matéria de divulgação das obras inaugurados em 1968 pelo governo....	32
Imagem 9 – Selo de comemoração do governo Jose Sarney exibido em todas as suas publicidades.....	34
Imagem 10 – O governador José Sarney nos braços da população.....	36
Imagem 11 – Vinculação da figura de José Sarney à Companhia Energética do Maranhão (CEMAR) por conta das falhas nos fornecimentos de energia.....	39
Imagem 12 – Charge que representa José Sarney em busca de investimentos em terras orientais para o desenvolvimento do Maranhão.....	40
Imagem 13 – Charge que representa a conquista importante da copa do mundo e construção da caixa d’água do centro da cidade e a denúncia ao alto preço de investimento.....	43
Imagem 14 – Imagem da coluna “Língua de Trapo” em denúncia a falta de água na região central da cidade.....	45
Imagem 15 – Imagem da Coluna “Espírito de Porco” em retaliação ao governo Sarney e a sua política de governo.....	47

Imagem 16 - Imagem da Coluna “Matraca Política” do Jornal de Bolso, um dos principais impressos de situação ao governador José Sarney.....	48
--	----

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
<b>1. POLÍTICA, HISTÓRIA E REPRESENTAÇÃO: o uso das imagens na difusão do pensamento político e os seus impactos na formação da opinião pública.....</b>	<b>15</b>
<b>2. O DISCURSO DO “MARANHÃO NOVO” E O SEU SINÔNIMO DE MODERNIDADE SOB A VISÃO DOS JORNAIS DE SITUAÇÃO.....</b>	<b>26</b>
<b>3. A CRÍTICA ILUSTRADA DOS JORNAIS DE OPOSIÇÃO AO GOVERNADOR JOSÉ SARNEY E AO SEU DISCURSO DE DESENVOLVIMENTO E MODERNIDADE.....</b>	<b>38</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>50</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>52</b>

## INTRODUÇÃO

O período de transição ocorrido no Estado do Maranhão durante a década de 1960 foi marcado por um grande acirramento e cisão de grandes representantes políticos. Nesta época, a figura política de José Sarney encontrava-se em ascensão, em contrapartida, a oligarquia e a figura de Vitorino Freire já estavam em decadência política, perdendo força no cenário estadual e nacional. No escopo deste cenário, a mídia jornalista atuou de forma primordial na representação do embate entre as duas figuras políticas. O resultado dessa expansão midiática culminou em uma grande disputa sobre o domínio dos jornais, acrescendo assim os seus interesses em suas matérias.

Com uma grande força política ascendente, José Sarney era retratado em alguns jornais que atuavam a seu favor, jornal *O Imparcial*, *Jornal de Bolso*, *Jornal Pequeno* (até 1968) e *Jornal do Dia*. Nesses meios de comunicação o governador objetivava desde a sua campanha expandir o seu slogan e promessas de campanha, traçando a meta de fazer chegar à "revolução" no Estado do Maranhão, retirando os resquícios da Oligarquia Vitorinista, promovendo uma ideia de progresso e divulgando de forma corriqueira o discurso de corrupção por parte da oligarquia de Vitorino Freire, chamando de "obscuridade" esse período da história política do Maranhão.

As representações veiculados em massa no período da disputa política apresentam a imagem decante da oligarquia de Vitorino Freire, que caminha para o seu fim, perdendo credibilidade e aceitação da população em relação ao seu sucessor na disputa política, onde a figura de Sarney vem sobressaindo e tendo uma grande adesão popular nas proximidades das eleições para governador no ano de 1966, sendo assim, torna-se o principal nome para ganhar as eleições e se tonar o governador do Estado, dando início a um novo período político no Maranhão.

Contrário a esses veículos de comunicação, o *Jornal Pequeno* trabalhou fortemente na oposição ao governador José Sarney, a partir de 1968, focando principalmente em publicações de charges e matérias de grande criticidade. Introduzido no cenário nacional da Ditadura Militar (1964 – 1985), o *Jornal Pequeno* funcionou como principal meio jornalístico de oposição, sofrendo atuação direta do governo através das censuras. Por conta de tais atos, o jornal divulgava charges como forma de críticas bem elaboradas que

proporcionavam várias interpretações ao governador, sem haver a exposição do autor das charges por conta do cenário de forte repressão da ditadura.

As representações em mídias jornalísticas é algo já existente há bastante tempo e é veementemente utilizada como mecanismo de difusão de imagem política, sendo ela positiva ou negativa. A fonte de imprensa desde a sua gênese possui o intuito de aumentar o alcance das informações, levando até as camadas populares o acesso às informações, estimulando assim a criação da opinião pública sobre os casos. Busca-se averiguar até que ponto a mídia impressa foi eficiente como meio de divulgação das imagens de figuras políticas como José Sarney durante o período da disputa por cargos eleitorais e a manutenção ou crítica da personalidade governante durante o seu mandato.

As investigações das reproduções midiáticas do governador José Sarney ultrapassam as dimensões de exposição e temporalidade, consiste de forma profícua em um mecanismo de formação de opiniões e influências, em formulação de pensamentos nos campos sociais, econômicos e políticos. Conseqüentemente, o seu uso torna-se cada vez mais corriqueiro dentro dessas disputas, cada vez mais elaborado e bem explorado por essas forças de influência.

Ademais, o trabalho produzido aborda em sua temporalidade um Brasil que inicia o seu período de Ditadura, onde há drásticas mudanças nas formas organizacionais de governo em todas as suas esferas, Federal, Estadual e Municipal. Nesse período, os meios de comunicações de oposição passaram a ser censurados e perseguidos, onde se veiculava nos meios de comunicação de massa apenas as informações que eram aprovadas pelo governo, pois práticas contrárias eram consideradas subversivas e de atentado ao regime que vigorou na época, sendo assim os jornais e outros meios de reproduções de mídias opositores passaram a ter grandes problemas quanto à reprodução dos seus conteúdos de imagens, notícias e outros.

Cotidianamente nos deparamos com variadas formas de linguagens e maneiras de difusão de informações em imagens que impactam as nossas interpretações em vários sentidos. Incorporados em um sistema globalizado de informações, atualmente a facilidade da circulação das informações de formas diferentes é muito acelerada e cheia de intencionalidades quanto a sua disseminação e o público alvo a ser contemplado com as mensagens a serem passadas.

Na atualidade, a circulação de informações encontra-se majoritariamente através das redes sociais e canais digitais, porém antes da chegada da internet, as informações e imagens circulavam por meio dos jornais impressos. Posterior à segunda guerra mundial (1939 – 1945), meados do século XX, a utilização das imagens como divulgador de informações se intensificou de maneira ferrenha, onde no cenário político a intensidade ocorreu de forma exacerbada. A importância do ato da divulgação em impressos de comunicação de massa dentro da política aumentou e se destacou pelas formas e intencionalidades, pois o controle a divulgação nos jornais passa a ser exposto como forma de idealização de opinião.

No primeiro capítulo analisaremos a ligação existente entre política, história e representação, visando compreender o grau de influência e a suas relações. Este capítulo inicial traça a noção periódica da importância e a utilização da representação para a formação da opinião pública e a sua interferência direta no imaginário social, buscando entender motivos para grandes investimentos nas reproduções midiáticas por parte dos sujeitos políticos desde o fim da segunda guerra mundial e a sua devida importância na propagação de informações situacionais e de oposição, e apresenta o debate na imprensa maranhense.

No segundo capítulo apresentamos a atuação direta das reproduções midiáticas em jornais impressos no Estado do Maranhão, especificamente durante o período da campanha eleitoral de 1965 para o cargo de governador do Estado, onde havia a disputa entre Newton Bello e José Sarney, e os jornais mais importantes da época atuaram em favor da candidatura de Sarney, pois visavam romper com a continuidade da Oligarquia de Vitorino Freire, grupo político que apoiava Newton Bello nessa campanha. Nesse interim visamos compreender o grau de complexidade e interferência dos periódicos impressos nessa corrida eleitoral no ano de 1965 no Maranhão.

No terceiro capítulo mostramos como houve uma grande mudança na dinâmica da imprensa impressa do estado, já que um dos mais relevantes jornais muda a sua posição quanto ao grupo político por conta de relações interpessoais entre o seu proprietário e o governador José Sarney. Nesse contexto, vamos investigar a existência de uma imprensa oposicionista em pleno período ditatorial no cenário nacional, com as reproduções de imagens críticas, denúncias aos descasos do governador, exclusivamente em seus dois últimos anos de mandato, entre os anos de 1968 e 1970.

## **1. POLÍTICA, HISTÓRIA E REPRESENTAÇÃO: o uso das imagens na difusão do pensamento político e os seus impactos na formação da opinião pública**

Diariamente nos deparamos com variadas formas de linguagens e maneiras de difusão de informações em reproduções imagéticas (charges, imagens) que impactam as nossas interpretações em variados sentidos. Incorporados em um sistema globalizado de informações atualmente, a facilidade da circulação das informações é muito acelerada e cheia de intencionalidades quanto à interpretação e o público alvo a ser contemplado com as mensagens. Atualmente, a circulação de informações encontra-se majoritariamente através das redes sociais e canais digitais, porém antes da chegada da internet, as informações e imagens circulavam por meio dos jornais impressos.

Posterior à segunda guerra mundial, em meados do século XX, a utilização das imagens como divulgador de informações se intensificou de maneira ferrenha, onde no cenário político a intensidade ocorreu de forma exacerbada. A importância do ato da divulgação em impressos de comunicação de massa dentro da política aumentou e se destacou pelas formas e intencionalidades, pois o controle a divulgação nos jornais passa a ser exposto como forma de idealização de opinião.

Os fatos e atores da política, vistos e ouvidos, obedecem a perspectivas que podem alternar a visibilidade e o segredo, definir a opinião sobre a política, ampliar ou desviar o foco sobre verdades e controlar o impacto de decisões. [...] A imagem pública se constitui numa síntese e quem detiver poder financeiro, político e mediático poderá controlar a sua formação em grande parte (Weber, 2004, p. 11).

Em consonância com o pensamento de Weber (2004), entende-se que o mérito basicamente consiste na disparidade entre os atores políticos quanto a sua difusão de imagem nos meios de comunicação de massa, e de acordo com a sua influência pessoal, principalmente pelo poder econômico que esse ator político detém. Nesse sentido, as imagens política dos mandatários do capital são mais elaboradas, possuem maiores alcances, já que são divulgadas nos principais meios de comunicação e nos principais canais deste meio, onde os sujeitos políticos de menor poder aquisitivo não possuem espaço e nem influência nesses canais de comunicação e divulgação em massa.

De acordo com o pensamento de Chartier (2002) ao trabalhar em sua obra “A Beira da Falésia: a história entre certezas e inquietudes”, reforça a utilização da representação

como dois sentidos que aparentam uma leve contradição. Em suas definições a representação tem o significado de fazer presente alguém ou alguma coisa ausente, diferenciando a representação do representado, já por outro lado, trabalha a presença de uma figura pública ou política podendo ser algo ou alguém.

Representar é, pois, fazer conhecer as coisas mediante ‘pela pintura de um objeto’, ‘pelas palavras e gestos’, ‘por algumas figuras, por marcas’ – como os enigmas, os emblemas, as fábulas, as alegorias. Representar no sentido jurídico e político é também ‘manter o lugar de alguém, ter em mãos sua autoridade’ (Chartier, 2002, p. 165).

A utilização da representação imagética nos mais variados veículos de comunicação de massa consiste basicamente na criação de um personagem, ao qual a sua abrangência e aceitação pela sociedade seja enorme, mesmo refletido um ser totalmente diferente da realidade da pessoa representada. Essa mudança na representação funciona como manobra de persuasão popular para que o ator político possa difundir uma imagem conivente com aquilo que a sociedade idealiza como ser político de representatividade e prosperidade.

Na obra “O Poder Simbólico”, Bourdieu (2006) classifica o poder das representações em uma construção da realidade social, pois elas possuem uma contribuição de suma importância daquilo que por elas é representada, descrita e designada. Conforme Chartier e Bourdieu as “representações” são retratos das construções da realidade, onde pessoas estampam suas ideais e visões de mundo, tendo como base os seus interesses e os interesses do seu grupo social. Desta forma, os sujeitos ou grupos criam representações de si mesmos ou de outros grupos de acordo com suas perspectivas de mundo e suas experiências. Portanto, compreender essas representações significa entender como o mundo desses sujeitos e grupos são constituídos socialmente e politicamente.

Seguindo a linha de pensamento de Bourdieu, em sua concepção há uma disputa na produção das representações e crenças que as asseguram e reafirmam. Dessa forma, ocorre também no chamado “campo social”, onde as tensões e os interesses permeiam entre os grupos de conflito, trazendo à tona as denominadas “lutas de representações”, onde é importante para a compreensão salientar a posição de quem “fala” nessas reproduções. Para Chartier (1990, p. 17) “as lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, sua concepção do mundo social, os valores que são seus, e o seu domínio”.

Essa utilização das imagens não é um fenômeno dos tempos atuais, mas tem uma longa história. No século XX, por exemplo, Mussolini fez uso dessa estratégia durante o regime fascista na Itália, anterior a Segunda Guerra Mundial. Semelhante a Benito Mussolini no território italiano, vários países e políticos começaram a utilizar das imagens nos meios de comunicações de massa como forma de expandir e promover as suas imagens como pessoa, político e seus feitos como forma de exaltação e exibição, para que a população pudesse acompanhar os ideais formulados e realizados como sujeitos políticos perfeitos para o período. Esses ideais midiáticos e difusão imagética constituem até hoje um dos principais meios de adequação e formatação de um sujeito político ao imaginário populacional coletivo e a sua idealização.

Conforme a concepção de Baczko, o imaginário coletivo social e o poder político caminham paralelamente unidos em uma só relação, sendo uma possibilidade do exercício do poder político de forma efetiva.

Não será que o imaginário colectivo intervém em qualquer exercício do poder e, designadamente, do poder político? Exercer um poder simbólico não consiste meramente em acrescentar o ilusório a uma potência “real”, mas sim em duplicar e reforçar a dominação efetiva pela apropriação dos símbolos e garantir a obediência pela conjugação das relações de sentido e poderio. O bem simbólico, que qualquer sociedade fabrica, nada tem de irrisório e não existem, efectivamente, em quantidade ilimitada. Alguns deles são particularmente raros e preciosos. A prova disso é que constituem o objecto de lutas e conflitos encarniçados e que qualquer poder impõe uma hierarquia entre eles, procurando monopolizar certas categorias de símbolos e controlar as outras. Os dispositivos de repressão que os poderes constituídos põem de pé, a fim de preservarem o lugar privilegiado que a si próprios se atribuem no campo simbólico, provam, se necessário fosse, o carácter decerto imaginário, mas de modo algum ilusório, dos bens assim protegidos, tais como os emblemas do poder, os monumentos erigidos em sua glória, o carisma do chefe, etc. (Baczko, 1985, p. 298-299).

Por tais motivos, no que se refere à compreensão do imaginário coletivo como potências políticas e instrumentos de propaganda, há uma possibilidade de análise dos movimentos políticos passados e contemporâneos, uma vez que suas capacidades de comunicação são exemplos de um desenvolvimento político nacional. Logo, o uso da construção desse imaginário não se deteve somente no cenário político geral ou nacional brasileiro, a construção para uma imagem no pensamento coletivo passou a ser utilizado e os atores políticos investiram de forma maciça nesse método de difusão da sua imagem.

O cenário político no século XX acirrou a disputa pelo controle dos meios de comunicação de massa, com a disputa entre a imprensa situacionista e opositora a certos

sujeitos políticos na corrida em alcançar e influenciar o maior quantitativo de pessoas diretamente no pensamento político, social e econômico. Esse tipo de ação, apesar de ser utilizado há bastante tempo e em escala mundial, no cenário estadual maranhense não foi diferente, pois a briga entre (e por meio de) os meios de comunicação de massa, principalmente nos jornais, é ainda mais acirrada e direta.

Com o objetivo de atingir e direcionar a população, as publicações realizadas buscavam atingir o maior número de pessoas para direcionar o seu pensamento político para uma formação de uma opinião pública sobre o atual sujeito político do Estado. Como forma de atuação, os jornais de oposição buscaram aglutinar a imagem do governador José Sarney, como ator principal no Estado, para a chegada do regime militar, iniciado em 1964, atrelando assim a sua imagem com uma visão negativa do regime que a população possuía sobre a forma de governo vigente no momento.

Em meio ao contexto histórico vivido no Brasil a partir de 1964 até o ano de 1985, o sujeito político que tivera a sua imagem agregada ao regime possuía uma adesão populacional variada com a sua região e tinha o seu perfil traçado como um político revolucionário, por conta das ações direcionadas pelos militares que governavam o país de forma ferrenha, sem a aceitação de críticas e sem aturar atuações da oposição. Entretanto, com o exercício dessa forma governamental, os apoiadores do regime eram sempre exaltados nos principais jornais.

### **Imagem 1: Jornal *O Globo* que atribui a figura de José Sarney à chegada do Regime Militar ao Estado do Maranhão**



Fonte: Jornal O Globo – 20/11/1978.

Como é flagrante, a matéria do Jornal *O Globo*<sup>1</sup> traz em seu impresso uma página dedicada à pessoa de José Sarney, traçando a sua trajetória política, de forma resumida, dentro do Maranhão e no Brasil, porém, dando enfoque e estampando como informação principal a sua atuação como parte integrante do grupo que governava o país naquele momento, os militares apoiadores do regime. Durante a matéria são traçados pontos e informações da sua caminhada, mesmo que de forma reduzida, como sujeito político e influente no cenário estadual e nacional, expondo os motivos pelos quais ele estava diretamente interligado ao regime militar, evidenciando o chamado jogo de interesses que circunda a política e acirra as disputas por cargos de grande expressão, influência e poder na política nacional.

É possível observar nesse tipo de matéria que o jornal não media esforços para divulgar e alcançar o seu objetivo, que nesse caso seria disseminar a imagem de José Sarney interligada diretamente com o governo militar e a sua influência com o regime. Essa atuação e medida de esforços ocorriam em ambas às partes, tanto da oposição, quanto dos jornais de situação<sup>2</sup>, pois a corrida pelo alcance da população era primordial para que a formação de opinião, segundo os ideais dos jornais, fosse criada e posta em prática perante a sociedade.

Esse tipo de reprodução é muito característica nas matérias de jornais durante a corrida eleitoral para determinado cargo político, principalmente nos cargos que possuem menores concorrentes, a exemplo de prefeitos, governadores. Decerto, a disseminação de reportagens e matérias em jornais impressos, principalmente nas décadas de 50 a 70, atingia a população de forma maciça, impactando no imaginário populacional e na formação de opinião, podendo interferir e influenciar nessa formação de opinião de forma positiva ou negativa, variando de acordo com os interesses e o posicionamento político, social e econômico da mídia, podendo ser de situação ou oposição ao sujeito político, às ideologias defendidas ou ao partido político que ele seja filiado ou apoiado.

Evidentemente o cenário da política no Brasil caracteriza-se até os dias atuais por essa corrida midiática nos meios de comunicação de massa, a exemplo dos canais de televisão, canais de rádio e ainda continuamente nos jornais impressos e digitais, como se verifica os chamados horários políticos obrigatórios que são expostos nos canais de televisão

---

<sup>1</sup> Jornal *O Globo*, periódico com sede no Rio de Janeiro, fundado em 1925. Apoiou a instauração da Ditadura Militar em 1964 e em seus impressos estampava alguns governadores apoiadores do regime como o feitores da revolução em seu estado.

<sup>2</sup> Jornal de situação é aquele que realiza suas atividades em posicionamento a favor de determinado ato ou pessoa, sempre visando retratar uma imagem positiva para a interpretação do leitor.

e rádio nacional. Nesse cenário, o horário político representa uma reprodução da influência e força política dos candidatos no país, pois há entre os candidatos concorrentes uma exacerbada diferença de tempo para a propaganda, onde os candidatos que fazem parte dos partidos maiores, de mais influência e investimentos, têm maior tempo de televisão, em contrapartida, os candidatos de menor influência e compõem partidos de menor expressão na política brasileira, detêm de pouco tempo para a propaganda, chegando a obter apenas segundos ou até mesmo ficando de fora da propaganda, sem horário de televisão para divulgar sua imagem, ideias e propostas durante a eleição.

**Imagem 2: Charge do foguete que representa Vitorino Freire e seus apoiadores.**



**Fonte:** Jornal Pequeno, São Luís - MA, 24/09/1965.

Na imagem acima, verifica-se que se trata de uma charge retratando o cenário político do Maranhão em meados da década de 1960. A imagem estampa de forma predominante um foguete, objeto esse que possui em sua composição o rosto de um grupo político da época representando uma ordem hierárquica, expondo figuras como a de Newton Bello, Costa Rodrigues, Renato Archer, Eugênio Barros e outros. Externamente ao foguete, observa-se ao lado esquerdo a figura de Epitácio Cafeteira, oposição à oligarquia da época, a de Vitorino Freire. Na charge, Cafeteira faz uma contagem regressiva simbolizando uma decolagem do foguete com destino a lua, que representa a derrota da coligação. O foguete com iminência em direção a lua traz à tona o encontro da oligarquia com Vitorino Freire, pois o mesmo, como se verifica na imagem, já estava na lua (canto superior direito da imagem) onde seria a culminância do fim da oligarquia Vitorinista no Maranhão.

[...] observa-se, claramente, na foto colhida na hora do lançamento, que o Senador Vitorino Freire, o popular Mentira Fresca, já se encontra na Lua,

aguardando a entrada do Bostov. Newton Bello viaja na Ogiva do Foguete e este é dirigido pelo Comandante Renato Archer, especialista em eletrônicos, formado pela Universidade de Paris. Mais abaixo vemos o copiloto, Dr. Costa Rodrigues, na janela seguinte vemos Antenor Bogéa, cuja função específica na lua é fiscalizar e recambiar o eleitorado fantasma. Segue-se pela ordem decrescente: Milson Coutinho, representante da imprensa, encarregado do serviço de comunicação com a Terra. Cid Carvalho, professor de Tiques, Toques e Cacoetes. Ivaldo Perdigão Freire, médico psiquiatra da comitiva. Bernardo Almeida, responsável pelos cálculos referentes à viagem. Nas escamas do foguete estão: José Mário, que por questão de justiça deverá ser o prefeito da Lua e Ivar Saldanha, o grande magoado do pleito que passou. Independente dos elementos que aparecem na foto, encontram-se no interior do Foguete: Dr. Pedro Braga Filho, médico cardiologista da Embaixada; Raimundo Silva, que incrementará o futebol na lua; Dr. Remiy Archer, conselheiro lunar; Cel. Sebastião Archer, chefe das Relações Públicas; Cel. Eugenio Barros, poliglota de bordo. Aeromoços: Luís Fernando e Ricardo Bogéa. Encarregados do serviço religiosa: Joel Barbosa e Cônego Ribamar. Mestre cuca de bordo: João Damasceno. Fornecedor de carne: Adroaldo Neves. Supervisor Espacial: Newton Bello Filho. Oficial de pesquisas fantasmagóricas: José Pereira dos Santos. Radialista de bordo: Sérgio Brito e Almir Silva. Dr. Murilinho, encarregado da plantação de pimentas na lua. Dr. Laurinho, pedirá vistas da história do famoso e discutido satélite. Dr. Orlando, encarregado de dar lições políticas aos lunáticos. Lauro Barbosa comandará o eleitorado fantasma que Milet recambiou para lua. Dr. Ney vai explorar o ramo cafeeiro na Lua, pois na Terra o negócio está muito manjado. Dr. Hilmar Raposo será o Delegado de roubos e montará, na Lua, moderna fábrica de cassetes de borracha. Dr. Jesus será o Secretário das Finanças lunáticas. Dr. Guerriot construirá uma barragem e fundará na Lua outro 15° DRF. Benú Lago será o diretor da Casa da Moeda na Lua. NOTA FINAL: a Lua será transformada em Capitania Hereditária, a exemplo do que foi o Estado do Maranhão, até as eleições de 03 de outubro (Jornal Pequeno, 24 de outubro de 1965, p. 1).

De forma que a imagem possua vários significados, a presença de Vitorino Freire na lua, para além de simbolizar a sua derrota, o distanciamento e a decadência da sua oligarquia, simboliza também a cisão na parte interna do seu partido político, o PSD-MA. Essa fragmentação afeta de forma direta na corrida eleitoral que estava chegando pela frente, onde após essa eleição, a decadência da sua oligarquia ocorreria de forma mais rápida. Contudo, ao observar os jornais da época (*Jornal Pequeno* e *Jornal de Bolso*), percebe-se a presença da figura de Vitorino Freire na maioria dos noticiários de informação da oposição e a sua participação na articulação dos bastidores da política em cenário estadual e nacional.

Por fim, na base da charge está a população que propulsionaria o afastamento definitivo do oligarca tradicional. Dessa maneira, nos defrontamos com o segundo fator, a estratégia periférica dos militares junto ao partido que se constituiu como o principal aliado civil para a efetivação do golpe, a União Democrática Nacional – UDN. Essa estratégia visava

o alinhamento com lideranças locais desse partido, no Maranhão, José Sarney, para então desarticular as bases políticas dos partidos dominantes do período democrático pós-1945.

Vitória eleitoral e consagração popular sob tutela militar, num curioso processo de “libertação pelo alto” (para usar, subvertendo, o termo das oposições), em que o desejo oposicionista de uma intervenção federal “saneadora” e “moralizadora” dos costumes políticos finalmente se concretizou. Uma “vitória outorgada” nas palavras de José de Ribamar Caldeira, para quem a eleição de Sarney representou “apenas o referendado da sociedade civil do Estado para a consecução dos objetivos do Governo Federal, quais sejam, a “necessidade de inserção do Maranhão dentro do projeto político estabelecido pela Revolução de 1964”, através do “afastamento dos centros de decisão política de alguns Estados, de alguns coronéis tradicionais do PSD” (Costa, 2006, p. 79).

Após toda a repercussão e circulação de todas as informações, imagens, matérias, reportagens e aparatado por todo este esquema federal, a vitória de José Sarney nas eleições de 1965 era dada como certa. Com a chegada de Sarney ao Governo Estadual, era necessário extirpar toda a corja, segundo o jornal, que compunha o cenário político no período vitorinista. Dentro do foguete há homens dos mais diversos ramos, que estavam sendo extirpados do cenário político maranhense. Quebrando a hegemonia de praticamente 20 anos da oligarquia de Vitorino Freire na política maranhense, no fim de 1965 estava estampada nas manchetes dos jornais da cidade de São Luís a vitória de José Sarney, ainda retratado como o jovem udenista que ascendia ao poder do Estado por intermédio de um sistema semelhante ao que elevou Vitorino Freire há 20 anos (1945), o sistema político centro-periférico, onde o jovem Sarney se aproveitou da oportunidade do cenário nacional favorável para se sagrar governador do Estado do Maranhão e com um considerável apoio popular.

Nas reproduções que se utilizavam de imagens nos jornais impressos da imprensa maranhense, José Sarney estava basicamente presente em quase todas, pois ora ele era aclamado pela população que o sustentava nos braços, reforçando o seu discurso imagético e de horizontalidade com entre a massa e o seu representante, reforçando a sua imagem de aproximação da população, ora ele era muito criticado pela oposição, sempre reforçando a sua interligação com o governo militar e expondo os malefícios que o Maranhão já possuía por muito tempo, até mesmo antes de José Sarney assumir o cargo de governador.

### **Imagem 3: Propaganda de José Sarney nas eleições de 1965.**



**Fonte:** Jornal Pequeno, São Luís - MA, 1965.

A imagem acima é uma característica muito presente nos jornais da época, principalmente nos jornais de situação, a predominância da imagem do sujeito político e apenas um enunciado em frase curta e letras grandes e chamativas. Esse tipo de informação objetivava garantir que todos os leitores e observadores dos jornais pudessem entender a mensagem que o jornal queria transmitir, ainda mais que o Estado do Maranhão, assim como hoje, possuía uma enorme parte da população agrupando a taxa de analfabetismo. Com isso, os recursos minimalistas utilizados na imagem visavam alcançar também esse público, pois mesmo com essa dificuldade de leitura, eles eram eleitores.

Outra característica marcante e presente nessas reproduções dos jornais impressos foi a presença das imagens que referenciava as pessoas, a presença da massa juntamente com a imagem do líder, todos enquadrados na mesma matéria, forma de simbolizar a relação horizontal entre a liderança política e a população, causando a impressão de ser o verdadeiro representante da vontade do povo. A imagem retrata a população e uma frase de pedido que seja atrelada a imagem de José Sarney, onde o pedido de progresso seria atendido caso José Sarney fosse eleito governador do Maranhão.

Assegurando a característica minimalista, o *Jornal Pequeno* propagou mais imagens com esse teor e favorecendo a pessoa de José Sarney como a figura representante principal para derrotar a oposição.

#### Imagem 4: Propaganda de José Sarney nas eleições de 1965.



**Fonte:** Jornal Pequeno, São Luís - MA, 1965.

Esse tipo de imagem possuía uma parte específica do jornal para ser divulgado, mesmo que pequena, a seção denominada de Espírito de Porco trazia críticas ferrenhas ao governo de Newton Bello e aos seus simpatizantes apoiadores. Essa pequena seção possuía uma enorme relevância quanto a sua persuasão ao povo maranhense, pois as suas informações visavam englobar sempre a realidade da sociedade e trazia as informações com linguagem bastante acessível, sem dificuldades de entendimento. Observe algumas dessas seções:

As estradas viverem transformadas em lagoas e em lameiros, tornando-se difícil a chegada a esta capital de qualquer encomenda rodoviária – ESTÁ ERRADÍSSIMO (Jornal Pequeno, 13 de junho de 1964, p. 03).

O “operoso” governante deste estado, haver vendido os ônibus do DTO, inclusive os que serviam a linha do Tirirical – JÁ ESTÁ ERRADO O novo proprietário da empresa visando lucros fabulosos, retirar os coletivos do tráfego, aos domingos, deixando em situação difícil, milhares de 36 pessoas que residem naquele bairro – ESTÁ GRANDIOSAMENTE ERRADO (Jornal Pequeno, 20 de maio de 1964, p. 3).

As informações das abordagens da seção eram de uma enorme simplicidade, porém de um grandioso impacto em oposição ao governador. Vale ressaltar que mesmo a seção trabalhando com a promoção da figura de José Sarney de forma direta com imagens e manchetes estampadas de forma destacadas, a parte das críticas ao governador contribuía fortemente para a decadência da imagem de Newton Bello e a ascensão da figura de José Sarney, sempre visando à corrida eleitoral, pois esses atos de críticas e exaltação nessa seção

ocorriam desde o ano de 1964, um ano antes das eleições, como visto nas críticas expostas anteriormente.

A partir disso, observou-se o enorme poderio influente que as reproduções midiáticas, através de imagens, falas e informações podem causar no imaginário e no pensamento político da população, quanto à formação de opinião. Não fechado somente à corrida eleitoral, querendo derrotar a oposição, a produção das mídias em jornais impressos continuou fortemente dentro do governo, mantendo a mesma linha de raciocínio e buscando impactar a formação ou modificação do pensamento político da população.

## 2. O DISCURSO DO “MARANHÃO NOVO” E O SEU SINÔNIMO DE MODERNIDADE SOB A VISÃO DOS JORNAIS DE SITUAÇÃO.

Após o fim das eleições para governador do Maranhão em 1965, José Sarney sai vitorioso da disputa contra Newton Bello, e a partir de 1966 começa a governar o Estado. Doravante a sua eleição, o governador José Sarney se alinhou ainda mais com o Executivo Federal, aonde viria a apoiar os atos e pedidos de decisões dos presidentes militares, mesmo com medidas autoritárias. Tipificando essas ações, Sarney apoia o Ato Complementar Nº 23, ato que estendia o recesso do Congresso Nacional, dando mais liberdade e autonomia ao chefe do Executivo do país, governando assim o Brasil sem objeções e oposição, mesmo sabendo que essa medida não representava os anseios da população. O governador com a sua perspicácia não hesitou em buscar retratar esse ato como algo positivo para a sociedade.

O governador José Sarney agradecendo comunicação do Presidente da República, vem de cabografar ao marechal Castelo Branco hipotecando irrestrita solidariedade ao Chefe do Governo Brasileiro a propósito das medidas tomadas pelo Chefe da Nação para assegurar a tranquilidade em todo o país e o cumprimento do calendário eleitoral. O despacho carbografico do governador maranhense está vazado nos seguintes termos: “Tenho a honra de agradecer a Vossencia a gentileza da comunicação de haver decretado o recesso do Congresso Nacional na forma do Ato Institucional Nº 2, no sentido de ser cumprido o calendário eleitoral e assegurada a tranquilidade em todo o país. Venho expressar minha solidariedade aos altos objetivos das medidas por vossa excelência pois tenho a convicção de que foram calcadas nos grandes propósitos que sempre nortearam a conduta do eminente e honrado presidente. Saudações José Sarney, Governador” (Jornal Pequeno, 22 de outubro de 1966, p. 01).

Seguindo esse pequeno trecho estampado na primeira página do *Jornal Pequeno* em 1966, observa-se o alinhamento dos interesses do governador com os representantes do Executivo Federal, mesmo que as medidas reduzissem ou fizesse a supressão de direitos políticos. A exposição da matéria na primeira página também fora empregada de forma estratégica, ao transbordar de apoio populacional, o governador buscava disseminar a ideia positiva da chamada “Revolução”, traçando que o ato defendia interesses populares, reiterando sempre as suas ideias de uma melhoria para a sociedade, a ideia do novo em duas frentes, a Estadual e a Nacional.

É com esse ideal e apoio do Executivo Federal que o governador José Sarney começa a pôr em prática a sua ideia do Maranhão Novo, *slogan* que foi o título da campanha para governador em 1965, carregando consigo uma gama de significados, mesmo sendo

minimalista em primeira vista, reforçando que reproduções midiáticas minimalistas também eram forte característica dos jornais e de José Sarney durante a sua campanha e perpetuou durante os seus anos de mandato.

**Imagem 5: Cartaz da campanha política de José Sarney como candidato para o governo do Maranhão.**



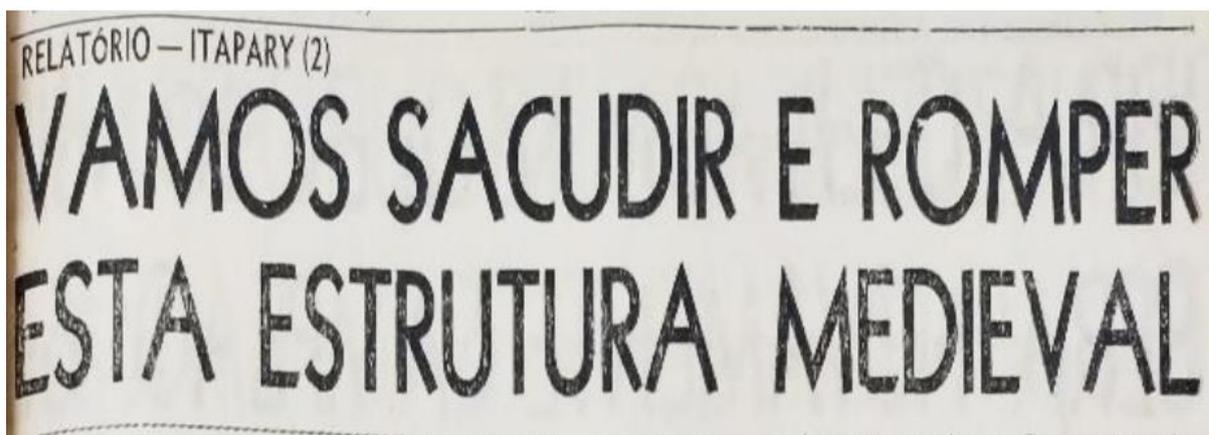
**Fonte:** Jornal Pequeno, São Luís - MA, 1965.

A imagem acima reforça as características da trajetória de José Sarney para alçar o governo do Estado, e foi utilizada como meio de propaganda imagética principal. Ao trazer consigo o seu *slogan* como frase inicial, o tradicional Maranhão Novo, objetiva expor a ideia de mudança, transformação e fragmentação total com o governo anterior. José Sarney através da sua campanha buscava interagir com a população e romper totalmente com o período denominado por ele próprio de "obscuridade" no Estado do Maranhão, referindo-se aos anos de predominância da oligarquia de Vitorino Freire no comando do poder político.

Visando a evidente decadência da oligarquia Vitorinista, em que capitaneava anseios da sociedade por uma quebrada na continuação desse grupo político, José Sarney observa uma enorme oportunidade em realizar a manutenção do discurso de mudança e

ruptura com o passado, dessa forma ele angariava mais eleitores e o seu apoio populacional tendia a aumentar ainda mais. Durante os seus atos políticos, ele sempre expressava a informação da mudança e inovação com bastante ênfase, deixando bem claro o seu objetivo com o imaginário político da sociedade maranhense.

**Imagem 6: Trecho do relatório da Associação Comercial do Maranhão.**



Jornal do Dia. São Luís, 04/03/1966.

A manchete do *Jornal do Dia*, publicada em março de 1966, carrega em si a base das intencionalidades de José Sarney com a ruptura à oligarquia de Vitorino Freire. A informação da reprodução é um trecho retirado do relatório emitido pela Associação Comercial do Maranhão, referindo-se ao período Vitorinista como medieval, um período que na visão deles, remete nessa abordagem como uma época de atraso social, estrutural e político. Com isso, Sarney inicia o seu processo de ruptura total e modifica toda a estrutura governamental a partir da sua eleição, inclusive com uma forte característica que foi a composição do seu corpo político de secretariados, sua aproximação com o executivo federal e o seu plano de desenvolvimento e modernização do Maranhão.

Como forma de reter mais credibilidade e compactuar com a ideia do rompimento total, a composição do secretariado estadual foi montada apenas por pessoas que faziam parte do grupo intelectual da época, como bacharéis em Direito, economistas, médicos, engenheiros e militares de alta patente, a exemplo dos coronéis:

Sarney montou seu grupo de secretários através do discurso da universalização do serviço público, ou seja, aquele grupo representaria os interesses sociais e a escolha se pautava em suas qualificações e não em questões pessoais. Na política todos sabem que não há imparcialidade, as escolhas são feitas por critérios pessoais, então, esse discurso era apenas para tentar parecer um melhor político para população (Bittencourt, 2019, p. 49).

Essa foi uma das medidas primárias tomadas por José Sarney para passar a imagem de eficiência e passar credibilidade às pessoas. Todo esse aparato de secretários renomados e com titulações de ensino superior, com predominância de pessoas bacharéis em Direito, curso muito valorizado, fazia parte do seu planejamento como engrenagem importante para o plano de execução de desenvolvimento, para que o verdadeiro projeto do “Maranhão Novo” pudesse ser executado e o Maranhão passasse a ser visto como um Estado promissor, e que estava sendo liderado por um governo responsável e de pessoas preparadas para desenvolver, industrializar e urbanizar o espaço.

Com essa perspectiva de crescimento e desenvolvimento, cheio de esperança e credibilidade, o apoio das elites intensificara-se ainda mais, e todo esse grupo buscava juntamente ao governo disseminar mais as informações positivas, com a ideia de um governo competente por conta dos intelectuais presentes no secretariado, um grupo “limpo”, sem corrupção, contrariando a forma governamental da oligarquia anterior. Os grupos privados trabalharam duramente para passar essa mensagem para toda a população maranhense.

Há meses, dessa coluna, dissemos que o êxito administrativo de um Governo depende, em grande parte, do seu secretariado, e continuamos a pensar assim, vejamos: Começamos pelo senhor Nywaldo Macieira, secretário de agricultura. É professor de economia, técnico em administração, advogado. A sua pasta, em um estado, como o do Maranhão, é de fundamental importância, para desenvolvimento deste pedaço do Brasil; a Secretaria de Viação, ocupada, atualmente, por um engenheiro diplomado, pós graduado em física nuclear, parece-nos enquadrado na problemática do governador; a Secretaria de Saúde está ocupada pelo nosso amigo, Drº José Murad, cardiologista famoso e dinâmico administrador; a Secretaria de Finanças, tem como titular o Drº. Pedro Neiva de Santana, oftalmologista eminente e provento professor da nossa faculdade de Direito; na Secretaria do Interior e Justiça o sr. Cícero Neiva, nosso velho conhecido, honesto e competente; na Secretaria de Segurança, o Cel. Paiva, do Exército Nacional; no comando da Polícia Militar o Major Medeiros, odontólogo e professor da faculdade de Farmácia e Odontologia (Eldes Machado. Jornal Pequeno, 29 de março de 1966, p. 03).

É possível observar o grande detalhamento feito pela matéria do jornal quanto à citação da formação e experiência dos secretários, pois isso foi uma abordagem primordial para demonstrar a transformação, a chegada de novos tempos. Outro ato que reforçou ainda mais a ideia de grupos intelectuais como sinônimo de sucesso nos governos da época foi a chegada dos militares ao poder do Executivo Federal em 1964, através do golpe. Nesse período, os governos com grupos de intelectuais estavam classificados como eficientes e inovadores, representavam a diferença exacerbada do novo governo em comparação com os anteriores, onde eram considerados ineficientes e corruptos, sem credibilidade com a sociedade. Corroborando com a escolha dos intelectuais para a composição dos cargos políticos, a ideia de industrializar o Maranhão intensificou ainda mais o objetivo de mudança.

**Imagem 7: Manchete divulgando o Maranhão como o Estado menos industrializado do país.**



Jornal do Dia. São Luís, 04/03/1966.

É perceptível pelas reproduções dos jornais impressos, especialmente na matéria acima do *Jornal do Dia*, tradicionalíssimo na época, e pelo seu discurso, a intenção de retratar que José Sarney recebeu o Maranhão em 1966 em elevado grau de problemas em todas as esferas sob a responsabilidade do governo e sem praticamente nenhuma realização do governo anterior de Newton Bello. Sendo assim, o caminho a ser realizado pelo governador Jose Sarney se tornaria mais fácil de concretizar, pois a ideia de melhoria e desenvolvimento ficaria mais evidente, já que o governo que o antecedeu não produziu muito para o Estado, trazendo assim a sensação de mudança a partir de Sarney de maneira mais rápida e eficiente.

Com toda essa estrutura a seu favor e alinhado com o apoio do Executivo Federal, José Sarney governa o Maranhão com a colocação do seu “Maranhão Novo” em prática. No ano de 1966 foi criada a Superintendência de Desenvolvimento do Maranhão (SUDEMA), tinha como objetivo criar, planejar, controlar e coordenar a política de desenvolvimento do Maranhão no âmbito da economia. Ocupou um nível elevado na relevância estatal e, em 1968, um dos seus bens realizados foi o I Programa de Governo do Estado do Maranhão (I PGEM):

[...] o desenvolvimento é a temática central do Programa e das sucessivas mensagens a Assembleia Legislativa. Analisando-os, são observados, sempre, três partes: diagnóstico do subdesenvolvimento – Maranhão pobre, atrasado; os principais eixos – infraestrutura, educação e agropecuária – e o estabelecimento de programas, com objetivos e metas definidos, vistos como ações desenvolvimentistas concretas. Portanto, a superação do subdesenvolvimento é considerada justificativa para atividade de planejamento, que tem, na elaboração do plano, um de seus momentos (Pereira, 2008, p. 78).

O programa localizava a gênese do subdesenvolvimento do Estado, do desequilíbrio das relações setoriais, a desqualificação da mão de obra e a ausência de perspectiva para melhorias no setor de produção. Nesse escopo, a predominância de economistas no secretariado do governo possuiu grande importância, esse grupo ganhou sua devida importância e reconhecimento pela idealização do plano de desenvolvimento econômico por meio da Superintendência de Desenvolvimento do Maranhão representada neste caso em específico pelos economistas Bandeira Tribuzi e Joaquim Itapary, coordenador e superintendente da SUDEMA, respectivamente.

Como em todo setor não há um pensamento homogêneo, a heterogeneidade foi uma marca dentro da SUDEMA, havendo um embate entre o setor agropecuário e o setor industrial, onde havia essa disputa de força para quem receberia a maior atenção e maior investimento governamental. Essa disputa interna ocorreu, mas não desarticulou a Superintendência, os setores envolvidos recebiam os devidos investimentos e privilégios por parte do Estado em relação a outros setores. O lado agropecuário foi o maior privilegiado e funcionou como espaço para a criação de ambiente para uma maior modernização para o setor. Por tal fato, uma das consequências, foi a criação da Lei de Nº 2.979/69, de 17 de julho de 1969, a tradicionalmente conhecida Lei de Terras Sarney.

Já no fim de 1966 e o início de 1967, o governador tinha que se preocupar com uma questão específica, a sucessão da presidência, já que era simpatizante e próximo do presidente Castelo Branco, o qual deixaria a presidência, e seria sucedido pelo presidente Costa e Silva, que tomou posse em março de 1967. Nesse mesmo ano, entrou em atuação oficial a nova Constituição. Sarney, a partir desse momento de mudança nacional, começaria a se preocupar, especialmente com a morte de Castelo Branco, em julho de 1967, pois a sensação de proteção em âmbito nacional poderia ser sentida. Porém, com toda a sua articulação, Sarney consegue manobrar a essa situação através de aliados como Mario Andreazza, então Ministro dos Transportes, que o auxiliou em seu relacionamento com Costa e Silva. Mesmo com tal auxílio, Sarney precisava de cautela para calcular os seus próximos passos como governador cuidadosamente, pois a época exigia toda essa preocupação, caso contrário o seu mandato poderia ser cassado.

Sarney precisou planejar seus próximos passos cuidadosamente. No segundo ano de governo no Maranhão, ele não queria ser cassado de jeito algum. Os adversários – Vitorino Freire à frente – estavam alertas. Uma das táticas adotadas pelo jovem governador foi dar publicidade às suas realizações. Em janeiro [1968], o Jornal do Brasil informou que ele havia consolidado sua

meta do Maranhão Novo e entregue à população a primeira etapa do sistema telefônico intermunicipal, 300 quilômetros de rodovias e adutoras e 503 unidades iniciais do programa Casas para o Povo. Havia inaugurado ainda 34 ginásios no interior, a faculdade de Educação e Filosofia de Caxias e a faculdade de Engenharia do Maranhão, em São Luís. Acima de tudo, fizera a ponte sobre o rio Anil, obra que mudaria a geografia da capital e impulsionaria seu desenvolvimento. No mês seguinte seria a vez de O Estado de S. Paulo louvar o trabalho de Sarney, que vinha se juntar a nova safra de governadores com uma cabeça mais administrativa, que havia começado com Carlos Lacerda no Rio e, depois, com Leonel Brizola, no Rio Grande do Sul, e Ney Braga, no Paraná (Echeverria, 2011, p. 184).

No escopo deste cenário, José Sarney ao realizar suas obras intensifica a divulgação através das propagandas e matérias dos jornais impressos, onde o seu alcance aumenta cada vez mais. Com isso, no ano de 1968, o governador inicia mais um ano de mandato ainda mais focado em expandir a divulgação das suas obras e política de desenvolvimento. Para que isso pudesse acontecer, o governador utiliza de toda sua influência no Estado e usa os jornais de situação do momento para começarem a publicar suas obras já realizadas e as que estavam sendo inauguradas no início de 1968.

**Imagem 8: Matéria de divulgação das obras inauguradas em 1968 pelo governo.**



Jornal O Imparcial. São Luís, 25/01/1968.

Nesse período de inauguração de diversas obras, uma das mais marcantes obras foi a de uma das pontes sobre o Rio Anil, ponte que interligou a chamada cidade velha (centro) até à outra margem, onde a cidade nova seria reformulada, foi a tradicionalmente conhecida Ponte do São Francisco, vista como um grande símbolo representativo para esses novos anos. A construção dessa ponte proporcionou a revitalização da vila do São Francisco, vila de pescadores que se localizava do outro lado da margem, em relação ao centro da capital. Com a conclusão dessa obra, o espaço a partir da Vila do São Francisco começou a

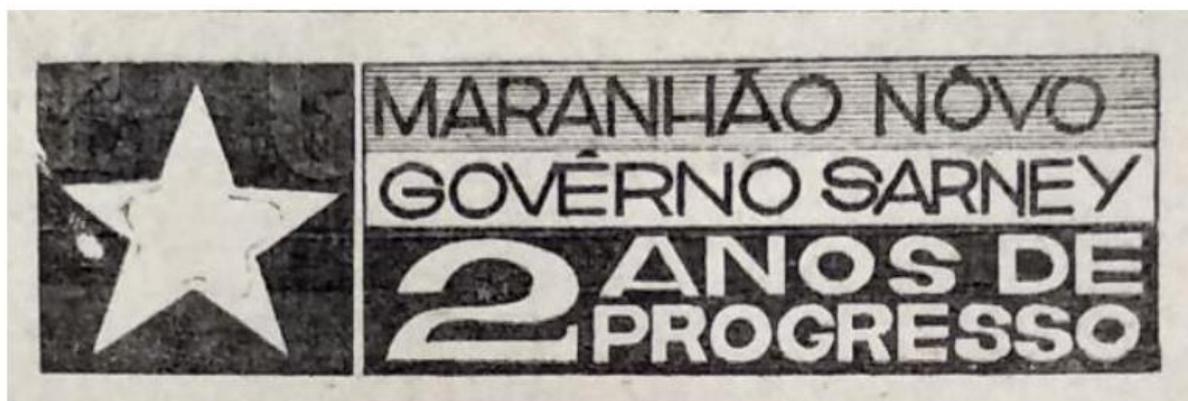
possuir investimentos do mercado imobiliário e se desenvolveu de forma urbana com construções de casas, prédios e outros investimentos a partir da década de 1970, se transformando no espaço conhecido hoje, onde se encontram bairros de classe média da capital, como o próprio São Francisco, Calhau, Renascença, Ponta D'Areia, entre outros.

Assim com a ponte do São Francisco, outra obra muito celebrada na imprensa, dois anos antes, foi a ponte Governador Newton Bello, posteriormente recebeu o nome de Ponte do Caratatiua (1968), como é popularmente chamada até os dias atuais, também está sobre o Rio Anil. O objetivo da construção dessa ponte foi diminuir a distância entre o centro da cidade e as praias do Araçagi e Olho D'água, que na época eram as mais frequentadas. Durante todo esse trajeto, também foi executado um plano de urbanização com a construção de conjuntos habitacionais para povoar a região e transformar com características mais urbanas.

As obras não se resumiram apenas nas tradicionais pontes, para além delas o governo Sarney durante os anos de mandato desenvolveu a ocupação da região da área do Itaqui e utilizou a justificativa da interligação com o Porto do Itaqui para tal realização. Dessa forma, foi desenvolvido o trecho de rodovia ligando São Luís com o Porto do Itaqui, e o povoamento da região atual do bairro do Anjo da Guarda, conhecida na época como Itapicuraíba. Com isso, em 1968, grande parte da região do Itaqui já estava sendo povoada e a construção de residências por parte das pessoas que se deslocaram para essa região.

A partir de todos esses feitos, com a imprensa jornalística ao seu favor e a divulgação de obras como parte do planejamento de execução do governo por conta da mudança no Executivo Federal, Sarney e o seu grupo governamental intensificam suas propagandas nos jornais impressos, utilizando-se de páginas inteiras para divulgar as obras já realizadas, e as que seriam realizadas, o balanço do governo comparado ao anterior e, acima de tudo, a utilização do seu *slogan* para enfatizar que a nova era, o novo tempo, estava se concretizando no Maranhão, passando a sensação de melhoria e desenvolvimento para a sociedade.

**Imagem 9: Selo de comemoração do governo Jose Sarney exibido em todas as suas publicidades.**



Jornal do Dia. São Luís, 05/05/1968.

Através da intensificação da propaganda, Sarney e a sua equipe conseguiu alcançar reconhecimento e atenção das mídias da região Sul do Brasil, revistas renomadas, como a *Veja*, retrataram a figura do jovem governador, suas obras e a sua política de desenvolvimento para um Estado da região Nordeste. As mídias sulistas apoiavam seus planos de pavimentação de estradas, intervenções urbanas na capital, plano de construção da usina e, vale ressaltar, o destaque para a importância da construção das pontes sobre o Rio Anil. Assim como esses elementos, os anúncios de chegada de investimentos da Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia e da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste funcionavam como mecanismos para justificar e sustentar a ideia do Maranhão Novo.

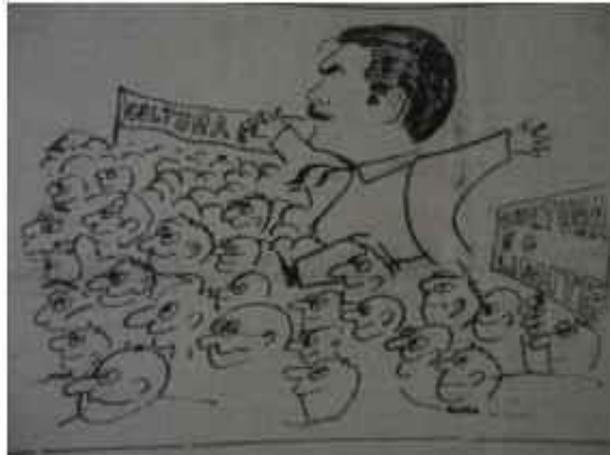
Vale ressaltar um ponto importante para o apoio a todo esse crescimento no Estado, que era o fornecimento de energia elétrica, pois na época era costumeiro no fornecimento de energia que sempre houvesse interrupções periódicas. Essa ação se devia ao fato do crescimento ocorrer a partir da periferia da cidade, pelo subúrbio da capital. Para superar esses corriqueiros acontecimentos, houve a construção da Usina Hidrelétrica de Boa Esperança, localizada no Médio Parnaíba, na divisa com o Estado do Piauí. O objetivo dessa construção era suprir e contribuir para o melhor fornecimento de energia, e dessa forma, a capital deixaria de depender de geradores movidos a diesel, assim as interrupções de energia diminuiriam consideravelmente.

Uns adendos importantes foram às prioridades do governo para a época, o fornecimento de energia era direcionado primeiro aos investimentos privados, dessa forma, eram comuns as regiões do subúrbio terem o seu fornecimento de energia interrompida, e os investimentos privados continuarem a desfrutar do seu fornecimento normalmente. Além dessas prioridades, as regiões periféricas, especialmente a região do Anjo da Guarda, possuíam extensões limitadas, fato que contribuía ainda mais para as interrupções de energia.

Todos esses acontecimentos incorporaram o chamado milagre maranhense, coincidentemente com o período do milagre brasileiro, período marcado por fortes investimentos e satisfação por parte dos setores que foram beneficiados com por esses incentivos financeiros. Com esse investimento, a sociedade chegou também a usufruir de forma direta, sendo propiciadas diversas vagas de emprego, principalmente para trabalhar nas construções das obras da época, diminuindo assim o nível de desemprego no Estado e um aumento no valor do salário para os trabalhadores que não possuíam especializações, ou seja, a mão de obra desqualificada. Esse tempo foi marcado por certa homogeneidade nos investimentos, onde o crescimento era diretamente proporcional entre Executivo Federal e Estadual, no que se refere em termos do chamado milagre e da modernização dos espaços urbanos e até do interior.

Os anos de governo Sarney foram idealizados por características bem marcantes segundo a mídia situacionista, como a modernização, urbanização, ruptura com o passado e utilização da sua imagem para agregar apoio da sociedade para continuidade dos seus anos de governança. O mecanismo de realizações de obras que supriam os anseios da população, mesmo beneficiando mais as elites que o apoiavam, Sarney conseguiu angariar e conquistar o povo para lhe apoiar, com isso, ele utiliza também da população em suas reproduções nos jornais impressos para causar a sensação ao público de participação direta no governo, idealizando o imaginário de governo horizontal com a sociedade, o líder como parte de todo o povo.

**Imagem 10: O governador José Sarney nos braços da população.**



Jornal de Bolso, São Luís, 19/09/1968.

Mesmo estando no período de ditadura militar no cenário nacional, Sarney não se delimitou em reproduzir todo o modelo de governança, e como uma figura de um jovem governador, José Sarney buscou sempre manobrar entre as suas ideias e as ideias federais. De forma muito sagaz, ele consegue equilibrar tudo que ele acreditava ser interessante de executar e que o governo militar programava para o molde nacional. Um desses atos foi a proximidade com a sociedade, já que Jose Sarney buscava quebrar com o modelo de Vitorino Freire que o antecedeu, e não entrando em contradição com o que planejava executar.

Sempre buscando apoio e investimento externo para executar o seu plano de ação ao desenvolvimento estadual, Sarney se relaciona diretamente com diversas pessoas e de diversas localizações, até mesmo outros países, onde o capital seria aplicado para que fosse executado o seu planejamento. Com isso, destaca-se que a intenção de se integrar a proposta de progresso e desenvolvimento nos moldes definidos pelo governo federal militarista, descambou a uma maior e mais incisiva participação deste nos rumos estaduais (Guilhon, 1996).

Entretanto, mesmo possuindo todo um cenário que circundava de forma favorável, a vida do jovem governador não era apenas apoio, celebrações e incentivos, havia veículos de comunicação e pessoas que anterior ao seu mandato eram aliados políticos, mas que passara, a agir como oposição, entre eles, vale ressaltar a atuação do *Jornal Pequeno*. Este impresso, no início do mandato e durante o período de campanha, funcionava como meio de comunicação de apoio a figura de José Sarney, mas após o afastamento das relações pessoais e de acordos políticos não honrados entre José Sarney e Ribamar Bogéa, o *Jornal Pequeno* se torna um dos

grandes opositoristas e trazia em suas reproduções fortes denúncias de tráfico de influência, fraudes, superfaturamento das obras e denúncias de corrupção. Todo esse cenário vem a desencadear em um forte embate entre os jornais impressos de situação e oposição durante os anos finais do mandato de José Sarney como governador do Estado do Maranhão.

A ruptura da relação entre Ribamar Bogéa e José Sarney ocorreu não por um estreitamento da sua amizade ou algo pessoal, mas sim por interesses políticos não muito explícitos. O *Jornal Pequeno* foi um dos impressos de maiores influências para a eleição de Sarney como governador, e após essa eleição, Ribamar Bogéa haveria feito a solicitação de alguns combinados fechados entre eles por conta do apoio e as solicitações de Ribamar Bogéa não foram entregues, por conta do descumprimento deste combinado, a relação entre o governador e o proprietário do *Jornal Pequeno* fora acabada e Ribamar passa a ser o principal opositor a Sarney no estado.

### 3. A CRÍTICA ILUSTRADA DOS JORNAIS DE OPOSIÇÃO AO GOVERNADOR JOSÉ SARNEY E AO SEU DISCURSO DE DESENVOLVIMENTO E MODERNIDADE

Durante o período de disputa para as eleições de 1966, José Sarney possuía os principais jornais como apoiadores, muito também por conta do anseio de mudança e descontinuidade em relação aos políticos apoiados pela oligarquia Vitorinista. Entretanto, muitas vezes mudanças acontecem pelos caminhos trilhados, e não foi diferente com o governador José Sarney, e entre os jornais impressos, um dos jornais que mais o apoiou durante as eleições e em seus dois anos iniciais de governo, rompe a partir do enfraquecimento da relação interpessoal entre Sarney e Ribamar Bogéa, fundador do *Jornal Pequeno*.

Partindo da ruptura dessa relação, o governo de José Sarney tinha a partir de agora um forte e influente jornal impresso como oposição. Com essa mudança no percurso do governo e do periódico impresso, as denúncias e críticas começam a circular de forma mais exacerbada pela população local, expondo pontos específicos de erros, omissões, falta de responsabilidades e desmandos do governador. Como forma de alcançar ainda mais a sociedade, o *Jornal Pequeno* continua a utilizar-se de imagens e manchetes minimalistas para que o entendimento e a aceitação do povo maranhense fossem facilitados. Importante ressaltar que as críticas do *Jornal Pequeno* eram direcionadas ao governo de José Sarney, não realizava críticas ao Executivo Federal, sempre dissociando as imagens de forma explícita.

Essas críticas exclusivas a figura de José Sarney pelo jornal de oposição também estava direcionada a imprensa a favor do governador, que era intitulada popularmente como imprensa sarneista. Duras críticas eram realizadas e com isso o jornal de oposição passa a ser regulado pelo executivo estadual, contradizendo o discurso de José Sarney durante os seus anos iniciais de governo, onde pregava a liberdade de imprensa, sem censurar ou regularizar as publicações, informações e críticas realizadas pelos periódicos impressos da época em que fora governador.

Fazendo jus ao seu período de ruptura total com o governo do Maranhão, o *Jornal Pequeno* inicia a sua fase de oposição a José Sarney e denuncia as problemáticas do Estado. Dentre os possíveis âmbitos para a associação da imagem do governador com falhas, o *Jornal*

*Pequeno* retratou as quedas de energia constantes ocorridas no período, interrupções que ocasionavam diversos transtornos para a comunidade.

**Imagem 11: Vinculação da figura de José Sarney à Companhia Energética do Maranhão (CEMAR) por conta das falhas no fornecimento de energia.**



Jornal Pequeno, São Luís, 28/03/1970.

Como já abordado anteriormente, durante o período das obras do governador José Sarney, sobretudo as obras das rodovias na região do Itaqui, atravessando o bairro do Anjo da Guarda e bairros adjacentes, as quedas de energia eram fatos recorrentes, acarretando em diversos transtornos para a população local, lembrando que ainda era o início do povoamento dessa região, então a preocupação com essa problemática para esses grupos não era a prioridade. Durante esse período, enquanto o *Jornal Pequeno* era um impresso de situação, não havia críticas de grande veiculação sobre esse fato, porém, com a mudança de posição do jornal, as denúncias sobre esses atos começam a circular em meio à sociedade.

No escopo deste cenário, é de suma importância ressaltar o sinal de alerta em que o grupo político do governador acendeu com a oposição do *Jornal Pequeno*, pois vale ressaltar a importância desse mecanismo midiático como oposição a antiga oligarquia existente no Maranhão, que perdeu as eleições de 1965 com um relevante impacto para as reproduções midiáticas dos jornais impressos no imaginário da sociedade. Mesmo com a forte oposição, os situacionistas buscavam não demonstrar histeria ou desespero perante a opinião pública, mas intensificavam e continuavam a trabalhar para retratar uma boa imagem do governador.

Neste sentido, a imprensa situacionista ao governador buscava replicar as acusações e denúncias com reproduções que pairavam sobre os apoiadores e dirigentes

políticos alinhados com essa oposição, associando-os como sabotadores intencionais desse novo momento pleno em que o Maranhão se encontrava e sob o forte comando do líder que não se deixava abater nem com as fortes críticas e continuava a exercer suas atividades normalmente, tudo isso funcionando como manobra para fazer com que o imaginário da população não fosse interferido pela oposição, já que os períodos das novas eleições se aproximavam no ano de 1970. Com isso, o combate entre oposição e situação ao governador José Sarney apenas se intensificava cada vez mais.

**Imagem 12: Charge que representa José Sarney em busca de investimentos em terras orientais para o desenvolvimento do Maranhão.**



Jornal de Bolso, São Luís, 25/06/1968.

A imprensa governista para rebater a oposição buscava sempre exibir a imagem de um José Sarney sereno, íntegro e de uma pessoa que se esforça para trazer o bem para o povo. Com essa ideia, o *Jornal de Bolso*, um dos impressos aliados ao seu governo, busca exibir de forma chágica a sua relação com o grupo oriental em busca de investimentos para o Estado do Maranhão se desenvolver, conforme a sua ideia política do fomento ao Maranhão Novo. Isto não seria nenhum plano fantástico, mas um fundamento básico de qualquer governante que deveria projetar ações internas bem urdidas e consoantes aos objetivos dos Planos Nacionais e Regionais de Desenvolvimento (Guilhon, 1996).

Contudo, não há um cenário de unanimidade para José Sarney nos periódicos impressos, e isso afetava diretamente a sua imagem enquanto figura política, pois iria contra os seus princípios expostos em seu discurso de posse. Já próximo ao seu afastamento do cargo de governador para se candidatar ao senado brasileiro, Ribamar Bogéa foi apreendido, julgado e condenado pelo Tribunal de Justiça do Maranhão, e deveria cumprir um ano de prisão, exemplificando a perseguição e censura da imprensa oposicionista posta em prática pelo

governo Sarney. Após ficar detido e condenado, o advogado do fundador do *Jornal Pequeno* impetrou com um *habeas corpus* no Supremo Tribunal Federal que fora deferido, fato que corroborou ainda mais para evidenciar as contradições entre discurso e prática do governador.

Nesse ínterim, o cenário político dos jornais de oposição continuava em evidenciar suas denúncias. Para além de obras ineficientes e inacabadas, denúncias do âmbito social também eram realizadas de forma corriqueira, onde apresentavam os anseios das melhorias em termos estruturais, sociais, principalmente da população carente do Estado. Criticavam o direcionamento de verbas e investimentos no Estado, pois as comunidades emergentes não recebiam a devida atenção do poder político, alimentando desde já as diferenças sociais que permeiam na sociedade até os dias atuais não só no Maranhão, mas no mundo todo.

Com a grande popularidade do *Jornal Pequeno* no fim dos anos 60, as denúncias não se resumiam apenas nas matérias propriamente feitas e investigadas pelo próprio jornal, o impresso abria suas portas para denunciadores civis e políticos opositores de grande relevância que possuíam informações delicadas sobre o governador José Sarney. O estopim desse acirramento oposicionista foi a denúncia do político de oposição, o deputado Freitas Diniz. O deputado foi à procura do jornalista Milson Coutinho, colaborador do *Jornal Pequeno*, com acusações e provas sobre irregularidades e desmandos do governo José Sarney. Por essas informações, Ribamar Bogéa cede o espaço em seu jornal para a denúncia do deputado, que diz:

Nesse particular, *Jornal Pequeno* não se mostrou um órgão leviano, uma vez que só publicava as matérias dos homens da oposição depois de ver as provas das acusações feitas. Mais de 20 documentos constantes de recortes de jornais, fotocópias, cópias de telegramas etc., ficaram em nosso poder. E, verificando tais documentos ficamos convictos de que havia de fato, irregularidades na atual administração do Estado (*Jornal Pequeno*, 25 de fevereiro de 1970, p. 01).

Não findando apenas nessa acusação, o deputado Freitas Diniz fez a publicação de dois artigos no *Jornal Pequeno* no ano de 1968, reiterando a forte acusação das irregularidades do governo Sarney e acrescentando as denúncias em relação a Prestação de Contas do Fundo de Participação referente ao ano de 1967, e também em relação a uma fraude financeira com a construtora responsável pela obra da estrada do município de Açailândia.

Foi ontem ouvido o deputado Freitas Diniz, última testemunha, no processo que o governador Sarney move contra nosso diretor. O deputado confirmou

as declarações anteriormente prestadas, afirmando que foram desviados, pela SUDEMA, NCr\$ 700.000,00 do Fundo de Participação. Confirmou ter sido a firma José Mendes Júnior. A. favorecida pelo governo do Estado para construir a estrada MA-70, trecho de Santa Luzia – Açailândia – Pindaré Mirim e Arari. Disse o que escrevera em *Jornal Pequeno* em julho, agosto e outubro de 1968, advertindo o povo do que se passava então no governo Sarney, o que fez desencadear a cólera governamental contra este matutino e seu diretor [...] São, porém, as testemunhas e os documentos que dizem no 64 processo o que o povo não pode ver: ora são os balanços publicados que não podem ser desmentidos; ora é a contadora da SUDEMA a confirmar o desvio, quando esclarece seus lançamentos; ora é o advogado do DER a desmentir o governador; ora o engenheiro-chefe a confirmar implicitamente irregularidades; e ontem, o deputados Freitas Diniz a reiterar o que escrevera e a mostrar que a firma José Mendes Júnior S. A, continua sendo a favorita do governador, dado o contrato já assinado em 1968 e o edital, que previamente a seleciona, publicado no Diário Oficial do Estado, de 10 de abril de próximo findo (*Jornal Pequeno*, 05 de maio de 1970, p. 01).

O deputado Freitas Diniz, para além das acusações dos anos de 1967 e 1968, também acusou a figura de José Sarney antes de ele ser eleito governador. O deputado alegou que Sarney começou a cometer fraudes e desmandos quando ainda exercia o cargo de secretário do Tribunal de Justiça do Estado. Por conta dessas fortes denúncias e pelo espaço cedido pelo *Jornal Pequeno*, José Sarney move um processo contra Ribamar Bogéa, que fora julgado no fim do mandato de Sarney, apenas no ano de 1970, onde Bogéa acaba por ser condenado pelo próprio Tribunal de Justiça do Maranhão. Vale ressaltar, que da mesma forma que o dono do *Jornal Pequeno*, o deputado Freitas Diniz também foi alvo do processo movido pelo até então governador do Maranhão.

Apesar de todo esse processo de acusações e trâmites no Tribunal de Justiça do estado, o *Jornal Pequeno* continuava a sua atuação como veículo de informação em massa como oposição, reiterando o seu posicionamento contrário ao governador José Sarney a partir da fase final do seu mandato. Concomitante a finalização do mandato em 1970, tem-se em acontecimento a copa do mundo, evento esse que o Brasil saiu como vitorioso, consagrado campeão e o primeiro país a vencer o torneio de futebol mais importante do mundo três vezes. Aproveitando o evento, o *Jornal Pequeno* encontra a maneira para tecer e expor mais uma crítica e denúncia ao governador e aos seus desmandos no cargo.

**Imagem 13: Charge que representa a conquista importante da copa do mundo e construção da caixa d'água do centro da cidade e a denúncia ao alto preço de investimento.**



Jornal Pequeno, São Luís, 12/12/1970.

Na imagem acima, é expresso de forma explícita a comparação de valor entre a taça da copa do mundo (a primeira inteiramente de ouro, pois a taça original só é entregue para a posse da seleção campeã, caso ganhe a copa do mundo três vezes, não sendo tricampeã a seleção ganha apenas réplica) e o valor financeiro investido na construção da caixa d'água no centro da cidade de São Luís, fazendo alusão a superfaturamento nessa obra, colocando em xeque a transparência e credibilidade do governador e todo o seu grupo político. Importante ressaltar também que os investimentos acima foram equiparados por conta da forte aplicação de verba por parte do Executivo Federal através de um auxílio de valor bastante considerável para a seleção brasileira.

Aproveitando o título da copa do mundo de 1970, a imagem publicada traz consigo um desvio do foco político de forma implícita, algo estrategicamente pensado pelo governo federal, para camuflar e esconder os desmandos realizados durante esse período, aproveitando do momento de euforia e atenções voltadas para o principal evento de futebol do mundo, estando em pleno período de governo militar, no Estado de Exceção. O investimento

na seleção masculina de futebol e, conseqüentemente, a conquista da copa do mundo, serviu para reforçar o objetivo da tradicionalmente conhecida política do pão e circo. Entretanto, diferentemente dos periódicos em situação ao governo, o *Jornal Pequeno* ao publicar a imagem, possuía como objetivo, de forma única e exclusiva, denunciar as supostas práticas irregulares de desvios de verba e superfaturamento com o dinheiro público, utilizando-se da copa do mundo justamente para chamar e reter ainda mais o interesse da população para a leitura.

Como consequência, o *Jornal Pequeno*, com a sua política de oposição ao governo, adapta em seu jornal páginas e colunas exclusivas agora para expor as denúncias direcionadas ao governador Sarney e ao seu secretariado, onde essas páginas já possuíam nomes e algumas vezes até personagens exclusivos para representar as pessoas do governo. O exemplo dessa exclusividade, o *Jornal Pequeno* possuía a parte intitulada de “Espírito de Porco”, “Língua de Trapo”, “O Repórter Fantasma” e “Diálogo dos marocas”, sendo esses os mais populares e de maiores relevâncias da época.

Percebe-se que as colunas detinham expressões tipicamente maranhenses e populares, essa ação fora proposital e objetivava para aproximar as notícias com a população, pois as palavras chamavam a atenção do público leitor por traçarem a ideia de trazerem notícias do povo e para o povo. Com as colunas exclusivas para as denúncias do *Jornal Pequeno* fora cada vez mais aumentando o seu alcance, e a partir disso começou a modificar as suas formas de críticas, ao incorporar o caráter humorístico em suas imagens, como o exemplo da imagem anteriormente exposta, diminuindo a utilização da imagem da pessoa de José Sarney e sem atacar ou referenciar alguma figura específica, ou o Executivo Federal como um todo, ressaltando sempre o seu alvo opositor bastante explícito, o governo estadual.

**Imagem 14: Imagem da coluna “Língua de Trapo” em denúncia a falta de água na região central da cidade.**



Jornal Pequeno, São Luís, 14/11/1965.

A imagem acima é da coluna “Língua de Trapo”, que nessa edição trazia a denúncia quanto à corriqueira falta de água na região central da cidade de São Luís, especificamente na Rua 13 de Maio, entre as tradicionais Ruas do Sol e Rua dos Afogados, retratando ausência do recurso hídrico por mais de duas semanas. É nítido que a partir da criação dessas colunas houve a idealização de um personagem humorístico específico, não sendo mais estampado à imagem do governador da época, porém o alvo das críticas não mudou, já que os problemas denunciados eram de responsabilidade do governo estadual e os seus órgãos competentes.

A coluna possuía uma forma autêntica de denúncias, sempre atrelando ao humor e a utilização de textos pequenos e resumidos, sempre bastante específico e direto quanto ao caso denunciado. A coluna Língua de Trapo funcionava como um canal direto entre o *Jornal Pequeno* e a população ludovicense para as denúncias de casos de problemas públicos na cidade de São Luís, onde o Jornal cedia o espaço para que a população pudesse trazer informações de descasos ou problemáticas da cidade, para que pudessem traçar a ideia de alinhamento e horizontalidade com a população da capital, envolvendo o imaginário social de que todos são responsáveis pelo espaço e recursos públicos.

Importante ressaltar que na charge acima, além da denúncia principal que é a ausência de água nas torneiras das residências da Rua 13 de Maio, ao final do texto destaca-se a seguinte frase: “água naquele trecho é mais difícil que dinheiro em bolso de Barnabé”. A frase traz uma alfinetada à questão financeira quanto a população, onde a figura do Barnabé remete a todas as pessoas que fazem parte do povo de classe baixa, a população que não possuía vínculo e nem cargo político, sendo situação ou oposição. É de suma importância destacar que nos discursos do governador, os anseios e desejos da população sempre eram enquadrados como uma preocupação prioritária, porém nas reproduções dos jornais de oposição verificam-se algumas contradições entre as ações e discursos do governo.

Contudo, o *Jornal Pequeno* não atuava exclusivamente apenas contra o governo estadual como uma forte oposição, atuava também contra os jornais impressos de situação, o embate consistia em colunas exclusivas para o debate entre os periódicos impressos. Neste cenário, havia uma disputa entre o *Jornal Pequeno* e o *Jornal de Bolso* (situacionista), especificamente entre a coluna “Espírito de Porco” do *Jornal Pequeno*, e a coluna “Matraca Política” do *Jornal de Bolso*.

**Imagem 15: Imagem da Coluna “Espírito de Porco” em retaliação ao governo Sarney e a sua política de governo.**



Jornal Pequeno, São Luís, 14/11/1965.

A coluna Espírito de Porco faz alusão, a partir da sua nomenclatura, a uma pessoa inconveniente, incômoda, atrapalhada, maldosa, insuportável, ácida e que sempre causa discórdia e infelicidade aos que está próxima de si, uma pessoa que age de forma desagradável, provocadora e que ocasiona maldade, sem considerar o sentimento das pessoas. Todos esses adjetivos eram relacionados à figura do governador e seus aliados políticos em nível estadual, sempre reiterando críticas, denúncias e descasos relacionados ao executivo estadual na cidade de São Luís.

O espaço destinado pelo *Jornal Pequeno* à coluna Espírito de Porco já não era tão aberto à população como na coluna Língua de Trapo, as linhas textuais e imagens da coluna Espírito de Porco já eram realizadas pelos funcionários do próprio jornal ou políticos de oposição e buscavam expor problemas internos, desmandos do sistema. Essa atuação se justificava pelo fato de atuar contra as informações e colunas de outros jornais, os períodos impressos de situação, a intitulado imprensa sarneísta, título esse dado pela própria oposição. A partir do ano de 1968 inicia-se o embate entre os jornais e toda a repercussão da imprensa impressa de São Luís, disputa essa que no fim da década de 1960 culminará na prisão do

proprietário do Jornal Pequeno, já no fim do mandato do governador José Sarney, pois o mesmo deixa o cargo em 1970 para concorrer a uma vaga no Senado.

A específica coluna atuava como antagonista principal a coluna Matraca Política, a partir de 1968, em embate direto entre acusações e denúncias por parte da oposição, e em contrapartida o *Jornal de Bolso* buscava retratar uma imagem de seriedade e serenidade do governador José Sarney, alçando expor feitos e investimentos realizados na cidade de São Luís e no Estado, mesmo em meio ao cenário de disputa, tentando contrariar as informações estampadas no Jornal Pequeno. O intuito dessa atuação contrária do Jornal de Bolso era passar a imagem do governador sem a preocupação com a oposição, disseminando a ideia que as acusações do Jornal Pequeno eram apenas caluniosas e mentirosas, que a atuação da oposição só existia por motivos de raivas e quebra das relações interpessoais, tanto que o próprio governador no fim dos anos sessenta denunciou o proprietário do jornal Ribamar Bogéa no Tribunal de Justiça do Estado.

**Imagem 16: Imagem da Coluna “Matraca Política” do Jornal de Bolso, um dos principais impressos de situação ao governador José Sarney.**



Jornal de Bolso, São Luís, 18/05/1968.

Atuante como um dos principais impressos em favor ao governador José Sarney, a atuação da coluna Matraca Política foi essencial para representar os embates com os impressos de oposição. A referida coluna exerceu um papel de defensora do governo estadual e com espaços para atacar seus principais oponentes, não se resumindo somente a jornais impressos, mas até mesmo em relação aos partidos políticos. A coluna, assim como a oposição, atuava às vezes com humor, mas predominantemente o Jornal de Bolso buscava sempre retratar a seriedade, principalmente com relação à figura de José Sarney a política do Maranhão Novo.

Utilizando de expressões e palavras tipicamente do Estado, o uso específico da palavra matraca traz consigo uma enorme representatividade, fazendo alusão ao falar de forma excessiva, falar muito, falar sem parar, uma expressão muito utilizada pela sociedade maranhense em seus diálogos do cotidiano. É evidente a semelhança entre os artifícios utilizados tanto pela situação, quanto a oposição, são expressões, palavras, imagens, ideais que visam aproximar a população ao periódico impresso, expressar ao imaginário social a ideia do jornal feito pelo povo e direcionado para o povo, com a fabulação de uma horizontalidade entre a população e a imprensa, sem distanciamentos ou hierarquias quanto a informação.

Esse embate de imprensas durante o governo José Sarney no Estado do Maranhão (1966-1970), teve o seu ponto de tensão especificamente entre os anos finais de governo, de 1968 a 1970, onde a atuação do Jornal Pequeno modifica o seu posicionamento para oposição, e os jornais situacionistas continuam com a sua atuação a favor do governador e suas formas de governar. Esses dois anos de acometimento entre os periódicos impressos foram de suma importância quanto a projeção política de José Sarney, até mesmo em nível nacional, e para o desenrolar do cenário político no Maranhão.

No início da década de 1970, os jornais mencionados continuam com os seus respectivos posicionamentos quanto aos políticos que deram continuidade ao governo do Estado do Maranhão, as suas atuações permaneceram de suma importância quanto a formação de opinião e posicionamento político da sociedade em relação aos candidatos da época, e a formação imagética de um político ideal para a população. Nesse interim, os jornais permanecem ainda no século XXI com forte poder de atuação, principalmente nos períodos eleitorais e a sua influência direta na circulação e divulgação de informações favoráveis ou contrárias ao candidato.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como propósito analisar as representações midiáticas referentes ao governador José Sarney e o seu discurso através do seu projeto político intitulado de Maranhão Novo, sob a visão dos jornais de situação e o contraste com a visão do jornal de oposição, mais especificamente o *Jornal Pequeno*. No interm do contexto da época, este trabalho buscou analisar os impactos das informações jornalísticas quanto ao imaginário e a formação da opinião da sociedade maranhense, sobretudo, a ludovicense, em relação ao governo Sarney, que inaugurou uma nova oligarquia política no Estado.

Dessa forma, ao iniciarmos pela análise dos jornais durante a corrida eleitoral em 1965, observamos que os principais jornais impressos da época estão em apoio à candidatura de José Sarney, todos ansiando por sua eleição e descontinuidade da Oligarquia de Vitorino Freire no comando do Estado. Com isso, os jornais começam a investir fortemente nas reproduções que desacreditam a imagem de Vitorino Freire e seus aliados, e ainda mais, buscam exaltar a imagem de José Sarney e relacioná-lo com a mudança, na perspectiva de uma realidade nova.

Com a ajuda dos periódicos impressos e o apoio da população, José Sarney se torna o mais novo governador do Maranhão, e inicia o seu mandato com a propagação de um discurso de mudanças, de modernidade, industrialização, da criação de um Maranhão Novo. José Sarney entra com a promessa de mudar a realidade do Estado com o apoio do Executivo Federal, visando eliminar a miséria, urbanizar a capital, povoar as regiões menos povoadas, criar estradas e melhorar a dinâmica da cidade de São Luís. Todas essas promessas eram reproduzidas de forma expressiva nos jornais de situação, os de maiores repercussões pela cidade.

Através da análise das reproduções imagéticas realizadas pelos jornais, claramente se verificou características marcantes que funcionavam como meio para atingir o maior número de leitores possível. Observou-se que as imagens durante a corrida eleitoral, e durante os anos de mandato de Sarney, veiculavam e possuíam uma característica minimalista, com textos pequenos, muitas vezes apenas com uma manchete em destaque, o que possibilitava variadas interpretações, mas sempre deixando bem explícita a sua intenção e a sua mensagem principal, visando suavizar e diminuir o grau de complexidade para o entendimento da

população ser mais facilitado. Isso era feito para que as pessoas não tivessem a preocupação e nem o trabalho de analisar e tirar suas próprias conclusões.

Com isso, ao examinarmos os jornais de situação e oposição da cidade de São Luís, concluímos que os mesmos funcionavam como canal de comunicação da enorme concorrência pela hegemonia do poder político da capital e do Maranhão como um todo. As ilustrações com humor, satíricas e críticas funcionavam como objetos discursivos na expansão de denúncias e acusações entre os adversários. O humor, muitas vezes aplicado em charges, era um instrumento para a popularização da notícia e maior aderência da mensagem, sendo um ponto fundamental para a popularidade desses jornais no Estado do Maranhão.

Por conseguinte, em meados do mandato do governador, houve uma reviravolta nas relações interpessoais com o proprietário do *Jornal Pequeno*, dessa forma, José Sarney ganha um jornal de grande expressão como sua oposição na capital. Nos últimos dois anos de mandato do governador, a disputa entre situação e oposição na imprensa se intensificou, colunas específicas dentro de cada jornal foram criadas para exaltar e outras para criticar a pessoa do governador Sarney e o seu mandato. Essa disputa de mídia impressa perdurou até o fim do seu governo e se estendeu nas eleições posteriores com os aliados e opositores do grupo político de José Sarney.

Portanto, esse trabalho se dedicou a colaborar com Historiografia maranhense sobre a história política contemporânea, com destaque para os discursos de reproduções imagéticas e a influência dos jornais impressos da época do governo de José Sarney, no Estado do Maranhão (1966 – 1970), com destaque para o período de campanha eleitoral (1965), recorte esse pouquíssimo explorado, mas que traz consigo uma enorme importância e grandes resquícios de influência na atualidade, com as estratégias de marketing político utilizado pela imprensa impressa e digital, sobretudo quando se refere à política e o período de campanha eleitoral. À vista disso, esse trabalho visa estimular ainda mais o fomento sobre novas pesquisas relativas às questões políticas e ideológicas da época retratada, sobretudo em meio à importância do discurso imagético e o seu impacto na formação da opinião pública.

## REFERÊNCIAS

### Fontes de Imprensa

Sarney responsabilizado por introduzir a Revolução de 1964 ao Maranhão, *O Globo*, 20 de novembro de 1978.

Charge do foguete, *Jornal Pequeno*, 24 de setembro de 1965.

Propaganda de José Sarney, *Jornal Pequeno*, 1965.

Propaganda de José Sarney, *Jornal Pequeno*, 1965.

Cartaz da campanha política de Sarney, *Jornal Pequeno*, 1965.

Propaganda discursiva de Sarney, *Jornal do Dia*, 04 de março de 1966.

Manchete da industrialização do Maranhão, *Jornal do Dia*, 04 de março de 1966.

Anúncio de diversas obras do governo Sarney, *O Imparcial*, 25 de janeiro de 1968.

Selo em comemoração aos dois anos de mandato do governo Sarney, *Jornal do Dia*, 05 de maio de 1968.

Propaganda de José Sarney, *Jornal de Bolso*, 19 de setembro de 1968.

Charge crítica a José Sarney, *Jornal Pequeno*, 28 de março de 1970.

Charge de Sarney em terras orientais, *Jornal de Bolso*, 25 de junho de 1968.

Denúncia de desvio de verba na construção da caixa d'água de São Luís, *Jornal Pequeno*, 12 de dezembro de 1970.

Coluna Língua de Trapo, *Jornal Pequeno*, 14 de novembro de 1965.

Coluna Espírito de Porco, *Jornal Pequeno*, 14 de novembro de 1965.

Coluna Matraca Política, *Jornal de Bolso*, 18 de maio de 1968.

## **Bibliografia**

BACZKO, Bronislaw. “Imaginação social”. In. LEACH, Edmund et al. **Anthropos-Homem**. Lisboa: Imprensa Nacional/ Casa da Moeda, 1985.

BITTENCOURT, Drielle Souza. **História, política, biografia e imprensa: uma nova ferramenta para o ensino de História do Maranhão Contemporâneo por meio da trajetória política de José Sarney (1950-1970)**. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Estadual do Maranhão, 2019.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

CHARTIER, Roger. **A Beira da Falésia: a história entre incertezas e inquietudes**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

COSTA, Wagner Cabral da. **Sob o signo da morte: o poder oligárquico Victorino a Sarney**. São Luís: Edufma, 2006.

COSTA, Wagner Cabral. A raposa e o canguru: crises políticas e estratégia periférica no Maranhão. In. COSTA, Wagner Cabral da (Org). **História do Maranhão: novos estudos**. São Luís: EDUFMA: 2004, p. 265-298.

COSTA, Wagner Cabral. **Do “Maranhão Novo” ao “Novo Tempo”: a trajetória da oligarquia Sarney no Maranhão**. In. BARROS, Antônio Evaldo Almeida et al (Orgs). **Histórias do Maranhão em tempos de República**. São Luís: São Luís: Editora UFMA, 2015, p. 189-236.

D’ELBOUX, Paulo César. A trajetória comunicacional de José Sarney. Anais do 1º Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho, 2003.

ECHEVERRIA, Regina. **Sarney: biografia**. São Paulo: Leya, 2011.

GUILHON, Maria Virginia Moreira. **Sarneísmo no Maranhão: os primórdios de uma oligarquia. A origem e desenvolvimento do instituto de previdência do Estado do Maranhão: interesses, atores e processos de intermediação (1938-1982)**. Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas da Universidade Federal do Maranhão, 1996.

NEGREIROS, Adriano. **Traço a Traço: análise da crítica ilustrada presente em jornais ludovicenses no contexto do regime militar brasileiro – 1964-1974**. Monografia (Graduação em História) – Universidade Estadual do Maranhão, São Luís, 2012.

NEGREIROS, Adriano. **A Ditadura em Quadros e Quadrinhos: aplicação escolar do paradidático “Piada Pronta” por meio da linguagem iconográfica da crítica ilustrada sobre a ditadura empresarial-militar brasileira (1975-1985)**. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Estadual do Maranhão, 2018.

NEGREIROS, Adriano. **A construção imagética de José Sarney pela crítica ilustrada da imprensa de São Luís no contexto do Estado de Exceção (1964-1974): análise de uma**

transição oligárquica. Anais do XXVII Simpósio Nacional da Associação Nacional de História: conhecimento histórico e diálogo social, Natal, ANPUH, 22 a 26 de julho de 2013.

PEREIRA, Robison Raimundo Silva. **Maranhão Crisálida?** Práticas discursivas e de rede de relações sociais no governo de José Sarney – 1966/1970. Dissertação (Mestrado), UFSCar, 2008.

REIS, Flávio Antônio de Moura. **Grupos políticos e estrutura oligárquica no Maranhão.** São Luís: [s/n], 2007.

WEBER, Maria Helena. O Estatuto da Imagem Pública na disputa política. **Revista ECO-pós**, v. 12, n. 3, 2009.

WEBER, Max. Economia e Sociedade – fundamentos da sociologia compreensiva. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 2000. 4a .ed. V.